

O vocabulário de crianças pequenas em recontagem de histórias

Artigo Original

Artigo recebido em 20/6/2007 e
aprovado em 31/08/2007

The vocabulary of small children in count of histories

Autora : Gisele Cristina de Almeida

Fonoaudióloga Clínica, Aprimoramento Profissional em Fonoaudiologia pelo HSPE, Fonoaudióloga do setor de Fonoaudiologia da Prefeitura Municipal de Guararema/SP.

Instituição: Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo - São Paulo - SP - Brasil

Correspondência: Gisele Cristina de Almeida - Rua: Ismael da Silva Mello, 784 - Mogi Moderno - Mogi das Cruzes - SP - Brasil / CEP: 08717-390 - tel: (11) 97847475
- E-mail: gicacristina@yahoo.com.br

RESUMO

Introdução: O desenvolvimento lexical segue alguns padrões de aquisição, no qual primeiro são adquiridas palavras mais frequentes pertencentes ao contexto da criança. **Objetivo:** Verificar o tipo de léxico utilizado nas recontagens de histórias, diferenças entre o léxico produzido nas recontagens das histórias com e sem relação com a experiência das crianças e comparar o léxico utilizado nas recontagens de histórias com o léxico presente nas histórias propriamente ditas. **Método:** Foram utilizadas 184 recontagens de histórias: 92 histórias com relação e 92 sem relação com a experiência das crianças, referente a 4 grupos: G1 com idades entre 3 e 4 anos, G2 com idades entre 4 e 5 anos, G3 com idades entre 5 e 6 anos e G4 com idades entre 7 e 8 anos. **Resultado:** Recontar histórias relacionadas com a experiência é mais fácil do que recontar histórias sem relação com a experiência. Decorrente desta dificuldade as crianças utilizaram substituições de palavras, sendo que em alguns momentos as substituições mudaram o sentido da história. **Conclusão:** Crianças maiores compreenderam melhor as histórias, pois conheciam o léxico utilizado nas histórias e por associação a lembranças de experiências anteriores e semelhantes, apontando para o papel da memória no uso de um determinado léxico.

Descritores: vocabulário, aprendizagem do léxico, crianças

ABSTRACT

Introduction: The lexical development follows some standards of acquisition, in which first pertaining more frequent words to the context of the child are acquired. **Objective:** To verify the type of lexicon used in the counts of histories, differences between the lexicon produced in the counts of histories with and without relation with the experience of the children and comparing the lexicon used in the counts of histories with the present lexicon in histories properly said. **Method:** One hundred and eighty and four counts of histories had been used: 92 histories with relation and the 92 without relation with the experience of the children, referring 4 groups: G1 with ages between 3 and 4 years, G2 with ages between 4 and 5 years, G3 with ages between 5 and 6 years and G4 with ages between 7 and 8 years. **Results:** To recount histories related with the experience is easier of what recounting histories without relation with the experience. Decurrently of this difficulty the children had used substitutions of words, being that at some moments the substitutions had changed the direction of history. **Conclusion:** Bigger children had understood histories better, therefore they knew the lexicon used in histories and for association the souvenirs of previous and similar experiences, pointing with respect to the paper of the memory in the use of one determined lexicon.

Keywords: vocabulary, lexical learning, children

INTRODUÇÃO

Para que ocorra um desenvolvimento adequado da fala e da linguagem muitos fatores estão envolvidos desde o nascimento do bebê. O bebê se faz comunicar por meio do choro que passa de indiferenciado a diferenciado, e essa passa a ser para o bebê a forma de comunicar suas necessidades. Somente a mãe compreende este choro, que é uma efetiva forma de comunicar e interagir¹.

Reed (1994)² relatou que "linguagem é uma habilidade ou comportamento que resulta de uma complexa inter-relação de fatores fisiológicos, cognitivos, psicológicos, lingüísticos, ambientais e sociais".

O desenvolvimento da linguagem inclui dimensões e etapas

que se sobrepõem e é mais do que unicamente aprender palavras e sentenças. A linguagem da criança de 2 a 5 anos evolui do uso de uma só palavra a uma forma gramatical bem estruturada e torna-se cada vez mais eficiente. Poulin-Dubois et al. (1995)³ relatam que um dos marcos no desenvolvimento lexical é a mudança no desenvolvimento cognitivo durante o segundo ano de vida. Segundo Reed (1994)², o desenvolvimento lexical segue alguns padrões de aquisição, no qual primeiro são adquiridas palavras mais frequentes pertencentes ao contexto da criança.

A aprendizagem do léxico é um dos aspectos mais importantes e elementares da aquisição da linguagem. Sabe-se que o estoque de palavras que formam a linguagem envolve uma série de processos complexos: a criança deve

adquirir a forma fonológica das palavras, seus significados, e então suas categorias sintáticas.

O vocabulário varia de criança para criança denotando diferenças individuais. Huttenlocher (1998)⁴, examinou o crescimento inicial do vocabulário em 22 crianças de 16 a 26 meses, e observou que aos 16 meses o vocabulário ainda é pequeno, mas que nos meses seguintes ocorre um crescimento acelerado. Nas crianças de 26 meses, houve uma variação no número de vocábulos, em algumas em torno de 200 palavras e em outras 800.

O léxico de uma língua abrange o significado das palavras, na qual os interlocutores utilizam estas palavras para representar e descrever objetos, atributos e experiências⁵. Para que ocorra a aprendizagem do léxico é necessário que estas palavras sejam armazenadas o que facilita o resgate posterior destas palavras e seus significados.

Alguns fatores influenciam o arquivamento e o acesso do léxico, tais como, o número de ocorrências da palavra e a familiaridade com tal palavra^{6,7,8}.

As memórias de curto e de longo prazo se desenvolvem, integram-se e assim iniciam-se a organização e recuperação de todas as informações processadas pela criança por meio das vias sensoriais (auditivas e visual, como também pelas experiências desenvolvidas entre pessoas e objetos). Lentamente a memória autobiográfica se desenvolve, uma importante capacidade cognitiva, necessária para preencher o discurso infantil, produto da história de cada criança, disposta ao longo de um eixo temporal e espacial. Gathercole & Baddeley (1993)⁹ consideram o componente fonológico da memória de trabalho como um dos fatores que influencia diretamente a facilidade no aprendizado do léxico. Este aprendizado envolveria a transferência da informação fonológica da representação temporária da palavra para uma estrutura permanente chamada memória semântica. Gathercole & Baddeley também destacam a importância do conhecimento lexical para a produção da fala, para a compreensão da linguagem e para o processamento sintático, já que as palavras isoladas constituem a base de construção para níveis lingüísticos superiores.

OBJETIVOS

1. Verificar o tipo de léxico utilizado nas recontagens de histórias.
2. Verificar se há diferença entre o léxico produzido nas recontagens das histórias com relação e sem relação com a experiência das crianças.
3. Comparar o léxico utilizado nas recontagens de histórias com o léxico presente nas histórias propriamente ditas.

MÉTODO

Amostras de fala

Esta pesquisa foi realizada a partir da coleta das amostras

de fala de crianças em recontagem de histórias. Foram utilizadas 184 recontagens de histórias, 92 histórias com relação e 92 sem relação com a experiência das crianças. As histórias referem-se a 4 grupos: G1 com idades entre 3 e 4 anos, G2 de 4 e 5 anos, G3 entre 5 e 6 anos e G4 entre 7 a 8 anos. As crianças de 3 a 6 anos da creche Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e as de 7 a 8 anos da Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

MATERIAL

Para a recontagem foram elaboradas quatro histórias diferentes: duas relacionadas à experiência e duas sem relação com o cotidiano das crianças, cujos temas foram: "Creche", "Floresta", "Creche" e "Cruzeiro". As histórias foram diferenciadas por: tipo de léxico, extensão das sentenças e complexidade das histórias. Todas as histórias tiveram a mesma quantidade de macroestruturas e microestruturas textuais, segundo o modelo de Walter Kintsch e Teun A. Van Dijk (1978)¹⁰.

Procedimentos

Primeiro determinaram-se às palavras chaves em cada história e a partir das amostras de fala das crianças, realizou-se:

1. Contagem do léxico das histórias propriamente ditas e das recontagens destas.
2. Analisou-se a tipologia do léxico utilizado pelas crianças.

Análise

Para a análise, escolheram-se palavras chaves presentes nas histórias e compararam estas com a produção das crianças nas recontagens. A partir da produção de cada criança, analisaram-se os processos de substituição, segundo os critérios de Befe Lopes (2000)¹¹. Calculou-se a porcentagem dos processos utilizados além de outras ocorrências não previstas nesta classificação.

Critérios de análise

- Designação por vocábulos usuais.
- Substituições: por parassinônimos ou equivalente; hiperônimos (imediate ou não-imediato); hipônimos; co-hipônimos (próximo ou distante); vocábulos que designam seus atributos semânticos (pertinentes ou não-pertinentes); paráfrase cultural; designação de função; atributo de co-hipônimo; paráfrase afetiva e verbos.
- Modificação da categoria gramatical.
- Criação de neologismo por analogia morfo-semântico-sintática.
- Criação de vocábulo foneticamente expressivo.
- Utilização de onomatopéia (correta e incorreta)

RESULTADOS

Os resultados descritos a seguir são referentes aos quatro grupos estudados, com idades entre 3 a 8 anos.

O gráfico abaixo mostra a comparação entre os grupos da pesquisa com relação às designações usuais e aos processos de substituição.

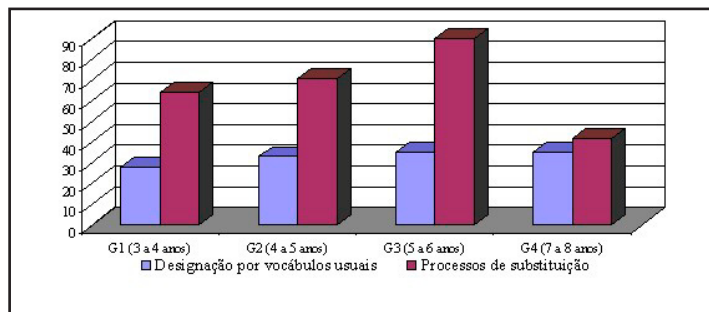
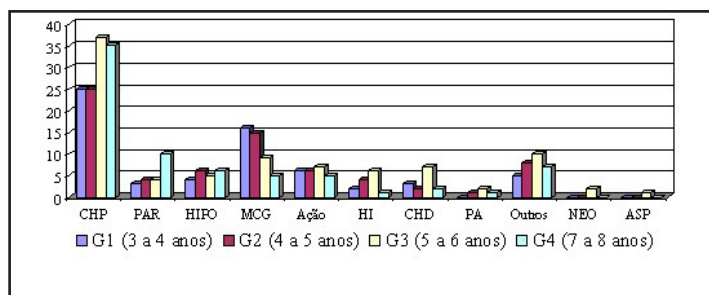


Gráfico 1 - Quantidade de designações usuais (DVU) e processos de substituição (PS).

O gráfico acima apresenta a comparação entre os quatro grupos da pesquisa quanto a utilização de designação por vocábulos usuais e processos de substituição. Observa-se uma homogeneidade com relação às designações usuais, com uma quantidade reduzida no grupo G1 que refere ao grupo de crianças menores (3 a 4 anos). Com relação aos processos de substituição o grupo G3 (5 a 6 anos) foi o que mais utilizou palavras em substituição as palavras alvos, seguidas pelo G2 e G1 (3 a 5 anos). Acredita-se que as crianças menores não conheciam o léxico utilizado em algumas histórias, o mesmo não ocorrendo com as crianças maiores, capazes de fazer inferências e em alguns momentos substituir certas palavras por outras sem perder o sentido da história. Já as crianças do G4 (7 a 8 anos) foram as que menos utilizaram processos de substituição, refletindo maior conhecimento sobre o léxico das histórias como também melhor capacidade de armazenamento de informação.

No gráfico 2, encontra-se a ocorrência das tipologias de substituição, em cada grupo da pesquisa.

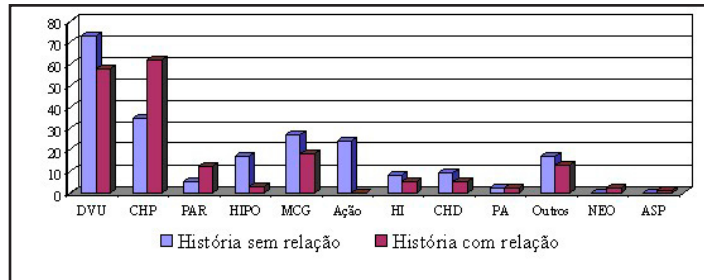


Legenda: CHP: co-hipônimo próximo; PAR: parassinônimo; HIPO: hipônimos; MCG: modificação da categoria gramatical; Ação: verbos de ação; HI: hiperônimo imediato; CHD: co-hipônimo distante; PA: paráfrase afetiva; NEO: neologismo; ASP: associação semântica pertinente.

Gráfico 2 - Tipologia dos processos de substituição por faixa etária nos grupos da pesquisa

Observa-se que a tipologia de processos de substituição de maior ocorrência em todos os grupos foi o co-hipônimo próximo. A substituição por co-hipônimo próximo correspondeu à troca por um outro vocábulo que possui uma relação semântica próxima dentro da mesma classe lexical à qual pertence o vocábulo alvo. Os grupos de crianças de 3 a 5 anos (G1 e G2) apresentaram em segundo lugar a modificação da categoria gramatical, demonstrando que estas crianças preferem utilizar palavras no diminutivo quando comparadas às crianças maiores. O grupo G4 (crianças de 7 a 8 anos) utilizaram mais parassinônimos, vocábulos ou expressões passíveis de substituição sem alteração de sentido. Com relação aos demais processos de substituição não houve muita diferença entre os grupos.

O gráfico abaixo mostra a comparação entre as recontagens feitas pelas crianças pesquisadas quando analisamos a influência do conhecimento prévio sobre o tópico.



Legenda: DVU: designação por vocábulos usuais; CHP: co-hipônimo próximo; PAR: parassinônimo; HIPO: hipônimos; MCG: modificação da categoria gramatical; Ação: verbos de ação; HI: hiperônimo imediato; CHD: co-hipônimo distante; PA: paráfrase afetiva; NEO: neologismo; ASP: associação semântica pertinente.

Gráfico 3 - Comparação entre as recontagem de histórias com relação e sem relação com as experiências das crianças.

No gráfico 3, observa-se maior ocorrência dos processos de substituição nas histórias sem relação com a experiência das crianças, exceto em co-hipônimo próximo e parassinônimo. Recontar histórias relacionadas com a experiência é mais fácil do que recontar histórias sem relação com a experiência. Decorrente desta dificuldade as crianças utilizaram substituições de palavras, sendo que em alguns momentos estas substituições mudaram o sentido da história.

DISCUSSÃO

Esta pesquisa constatou maior ocorrência de processos de substituição em crianças de 3 a 5 anos, enquanto a menor ocorrência esteve no grupo de crianças de 7 a 8 anos. Acredita-se que as crianças menores não conheciam o léxico utilizado em algumas histórias. Observou-se maior ocorrência dos processos de substituição nas histórias sem relação com a experiência das crianças. Recontar histórias relacionadas com a experiência é mais fácil do que recontar sem relação com a experiência. Recht & Leslie (1988)¹² examinaram a influência do conhecimento prévio de um indivíduo ao relembrar, mostrando que o conhecimento prévio

sobre o tema do texto aumenta a quantidade de informação lembrada. Quando o indivíduo tem conhecimento sobre o assunto, sua compreensão é melhor e ocorrem menos erros ao lembrar.

CONCLUSÃO

No presente estudo observou-se maior porcentagem de processos de substituição nas crianças mais novas. O fator

complexidade do léxico de algumas histórias, indicadas para crianças acima de 5 anos, dificultou o acesso e a compreensão por parte das crianças menores, o mesmo não ocorrendo com as crianças maiores. Isto pode ter sido facilitado pelo maior conhecimento do léxico utilizado nas histórias e por associação a lembranças de experiências anteriores e semelhantes, apontando para o papel da memória no uso de um determinado léxico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Kaye K. La vida mental y social del bebé. Barcelona, Paidós. 1988.
2. Reed VA. An introduction to children with language disorders. 2nd. Edition, Mc Millan. 1994.
3. Poulin-douboisl, SS, Graham, M, Sippola, J. Early lexical development: the contribution of parental labeling and infant's categorization abilities. *J Child Language* 1995; 22: 325-43.
4. Huttenlocher J. Language input and language growth. *Prev Med* 1998; 27: 195-9.
5. Kamhi AG, Catts HW. Language and Learning: convergences, divergences and development. In: *Reading Disabilities - A developmental language perspective*. Boston/ Toronto: College- Hill Publication Little, Brown and Company. 1989. p. 1, 1-34.
6. Balota DA. The role of meaning in word recognition. In: Balota DA, Flores Darcais GB & Rayner K (eds). *Comprehension processes in reading*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1990. p. 9-32.
7. Foss DJ. Experimental Psycholinguistics. *Annual Review of Psychology*, 1988. p. 301.
8. Gernsbacher MA. Resolving 20 years of inconsistent interactions between lexical familiarity and orthography, concreteness, and polysemy. *J Exp Psychology* 1985; 113(3): 256-81.
9. Gathercole S. & Baddeley A. *Working memory and language*. Howe, UK: Lawrence Erlbaum Associates, 1993. p. 3, 41-74.
10. Kintsch W & Van Dijk TA. Toward a model of text comprehension and production. *Psychological Review*, 1978, 80:363-94.
11. Befi-Lopes DM. Vocabulário. In: Andrade CRF, Befi-Lopes DM, Fernandes FGM, Wertzner HF. ABFW; teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática. Carapicuíba, pró-fono, 2000. (cap. 2).
12. Recht DR & Leslie L. Effect of Prior Knowledge on Good and Poor Readers Memory of Text. *Journal of Educational Psychology*. Vol.80, n. 1. 1988. p. 16-20.